

Henrique Van Biene

O longo caminho

1ª edição • 2008

**Copyright © Henrique Van Biene, 2008**  
**ISBN 978-85-908563-0-6**

**Produção Editorial**

Harry Hoving Junior

**Capa e Projeto Gráfico**

Rodrigo Pires

**Revisão**

Daniela Alves

Juliana Greggio

**Copidesque**

Adriana Natali

**Finalização**

Valeria Cinalli

Fábio Sant'anna

**Site**

Denis Torquato

**Foto capa** – Eveline Van Biene (mãe) e Harry Hoving (filho), quando tinha oito anos de idade, em 1932 na Dam Square, principal Praça de Amsterdã.

Os nomes citados pelo autor são fictícios, para preservar a privacidade das pessoas envolvidas, mas fazem parte de uma história real.

Este livro foi impresso em agosto de 2008.

**APOIO – Ricardo Jordão [www.bizrevolution.com.br](http://www.bizrevolution.com.br)**

**[www.olongocaminho.com.br](http://www.olongocaminho.com.br) • [contato@olongocaminho.com.br](mailto:contato@olongocaminho.com.br)**

Registro nº. 249.624-444-284 no EDA em 2002. Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução parcial ou total da obra sem prévia autorização por escrito do editor.

## *Agradecimentos*

*A*gradeço a Deus por estar sempre presente em minha vida e por me permitir chegar até aqui sem muitos problemas. À minha família, filhos e amigos pela compreensão e amor a mim dedicados e a todas as pessoas que com muito empenho e carinho se envolveram e acreditaram nesse projeto.

**Henrique Van Biene**

## Sumário


Prefácio	7
Introdução	9
Minha Juventude	11
Anos de amargura e guerra na Holanda	21
Anos de traição e guerra na Alemanha	29
Minha própria guerra em Paris	45
Ilusão e liberdade na Holanda	55
Holanda, França, Egito e Bélgica e as forças da natureza	67
Enfrentando desafios no Marrocos	85
Salve a América do Sul!	101
Um holandês maluco rumo ao centro industrial do Brasil	109
De São Paulo para Santos e Campinas	123
Bahia, seus encantos e desencantos	141
Destino incerto	155
Um adorável cacique	173
Finalmente, meu porto seguro	193
O caminho de volta	201
Epílogo	207

*E*sta é a história de um homem forte na sua maneira de enfrentar todos os obstáculos que surgiram durante o seu longo caminho mas que, por outro lado, foi frágil no que se refere a sentimentos, amores e emoções. Henrique é, em muitas circunstâncias, um menino ingênuo, confiante e sincero. Apesar de ter vivido numa constante busca pela paz e tranqüilidade de uma família com esposa e filhos, nem sempre pôde realizar esse sonho. Daí a razão de suas fracassadas tentativas em alguns de seus casamentos.

Seu temperamento marcante, a franqueza com que se distingue e que às vezes chega à rudez, aliados às lembranças da infância e da adolescência conturbadas e de uma guerra que por longo tempo o marcou, fizeram dele um homem de poucas amizades sinceras. Mas quem o conhece melhor sabe que há, dentro daquele peito, um coração generoso e amável, sempre pronto a servir sem nunca exigir algo em troca. Responsável, trabalhador e honesto é um vencedor que chegou à idade madura em paz com a sua consciência, com seus semelhantes e com Deus.

Avante Henrique. Ainda há caminho a seguir!

**M. A. Petrucci**

lhando para trás agora, para as trevas e nuvens escuras do meu passado, sinto-me admirado e surpreso por ter saído de tudo isso quase ileso, mental e fisicamente. Quase ileso porque fiquei sem sentir rancores, ódio, amargura ou revolta. Mas não tão ileso, porque não tenho mais alguém para amar, a não ser os meus filhos e minha esposa, e não me sobraram ilusões, sonhos ou esperanças. Aliás, a esperança por si é mera ilusão de algo melhor, que há de acontecer num próximo futuro. No entanto, se não se tem mais ilusões sobre nada, não se sofre também mais decepções. Por outro lado, não se encontra mais prazer em quase nada e a passagem do tempo lhe permite cada vez menos possibilidades de participar desta vida. Então, que esperanças podem te restar? Esperanças do que?

Talvez a única esperança que tenho é a de poder gozar a saúde, vitalidade física e mental que sempre tive, até o fim da vida, e que me seja dado o apagar de uma vela. Não quero, em absoluto, com tudo isso, insinuar uma grande tristeza ou me fazer passar por uma grande vítima. Muito pelo contrário. Porque, de certa forma, me considero vitorioso e me sinto realizado e feliz, pois nada pelo que passei consegui um quebrar ou me levar a aquele profundo desespero, cujas conseqüências podiam ser desastrosas ou, no mínimo, podiam deixar uma grande tristeza ou amargura ou ainda uma revolta tão grande que geraria um ódio pela vida.

Estranhamente, tudo que aconteceu durante toda a minha vida e, principalmente, os acontecimentos mais recentes, me acalmaram, finalmente, de tal forma que mesmo a enorme revolta que senti durante esta vida se desfez. Esta revolta e uma profunda desconfiança de todas as pessoas em minha volta com as quais eu entrava em contato, eram conseqüências de acontecimentos dos tempos da minha adolescência.

Lutei durante mais de 40 anos para vencer e me libertar dos meus traumas e problemas psicológicos. Acredito que os desajustes dos meus casamentos tiveram origem nisso, porque eu tive dificuldades para encontrar equilíbrio e estabilidade pessoal. Chegou a hora de cumprir uma promessa de longa data e começar a escrever a história da minha vida, promessa feita aos meus filhos há muito tempo. Não que a minha vida tenha sido tão especial para valer o esforço de pôr tudo no papel, mas que, de certa forma, tem sido interessante, isso posso garantir.

*Minha juventude*

Minha juventude

*N*asci no ano de 1924 em Amsterdã, na Holanda, filho único de mãe judia e solteira, o que naquela época era considerado um escândalo. Apesar de a minha mãe ter viajado muito por toda a Europa e, por isso, eu poderia ter nascido em qualquer outra parte do mundo, quis o destino que eu nascesse em Amsterdã, o que para mim, mais tarde, teria uma grande importância.

*Minha mãe era de ascendência portuguesa e meu pai era, pelo menos conforme o registro de meu nascimento, um engenheiro naval holandês. Meu nome pouca importância tem, assim como de qualquer outra pessoa comum e, por isso, pode me chamar como quiser, por exemplo, João da Silva ou Henrique, o que até seria bem próximo do meu nome verdadeiro.*

Dos meus primeiros oito anos de vida pouco sei ou posso me lembrar. Morei um tempo com minha avó numa casa muito sombria. Guardo algumas lembranças do medo e da solidão que sentia nas creches onde estive internado e lembro que o meu nome era diferente do atual. Morei durante estes anos em tantos lugares e passei por tantas escolas que parece que a minha mente se fechou, pois não me lembro de nada destes anos. Só sei que entrei no primário com seis anos de idade.

Também da minha mãe não me lembro nada deste tempo, a não ser, vagamente, dos bares do porto onde ela trabalhava como garçom e de algumas cenas de amor das quais fui testemunha, o que me deixou bastante perturbado. Muitos anos mais tarde, fiquei sabendo que ela tinha sido artista, dançarina de um grupo de danças folclóricas e que tinha viajado por toda a Europa, inclusive para a Rússia. Ela quase não sabia ler e escrever, mas falava fluentemente alemão, inglês e francês. Era uma mulher linda, sensual, muito atraente e dançava tango, danças espanholas, russas, francesas e holandesas com muita arte. Eu gostava muito quando ela, em casa, dançava uma dança espanhola com castanholas e tudo. Contaram-me, mais tarde, que do grupo também participavam minha avó, meu avô (nunca o conheci), o irmão de minha mãe e várias outras pessoas. Uma tia minha também era artista, cantora de ópera e uma outra, humorista no estilo Dercy Gonçalves. Quando tinha oito

anos me vi, de repente, morando num sótão em Roterdã com minha mãe e um homem, que disseram ser meu pai. Seu nome era Pim e, de repente, eu também tinha um sobrenome diferente, por uma razão ou outra. Aliás, é o meu nome atual. Repare bem que, somente a partir desta época, consigo lembrar-me da minha vida, como se eu tivesse sido acordado aos oito anos de idade. Pelo resto, somente tenho flashes de lembranças.

Não gostava nada de meu novo pai e tinha muito medo dele, porque ele xingava e praguejava muito e nunca parecia estar contente. Compreendi que ele estava doente, tinha muita dor de estômago e, por causa disso, um humor como o de um urso bravo. Também por causa desta doença ele não trabalhava e nós tínhamos ajuda da assistência social municipal. A minha mãe trabalhava num bar no porto e me recordo que ela furtava lá maços de cigarros para meu pai, cigarros que ela escondia entre seus seios grandes. Nós éramos muito pobres. Não sei de onde meus pais tinham arranjado os móveis, pois nunca vi alguma coisa nova em casa. Mas minha mãe era uma ótima dona-de-casa que mantinha tudo limpinho e brilhante, cozinhava coisas bem gostosas e nunca se queixava. Ela costurava as minhas roupas e meias furadas de modo que eu, apesar de ser pobre, sempre andava arrumadinho. Roupas nova ou sapatos novos, nem em sonhos!

Às vezes eu ganhava roupas usadas de um primo rico, que também sempre me mandava muitos livros. Assim, li os livros de Alexandre Dumas, Emile Zola, Dostoievski e muitos outros autores famosos antes dos 12 anos de idade! O que eu adorava eram as aventuras de Sindbad, o marinheiro com as histórias de 1001 noites. E também as aventuras do Barão Von Munchausen, que eram fantásticas! Não posso me esquecer das fantasias de Júlio Verner ou de Tom Mix, o famoso cowboy com a sua também famosa espingarda prateada, sempre em conflito com o Apache Winnetou, um índio muito esperto. Mais tarde li todos os livros de Agatha Christie e tudo o mais que eu pudesse ter na mão. Simplesmente estava apaixonado pela leitura. Também não era para menos porque brinquedos eu não tinha, a não ser os que eu mesmo fazia ou inventava.

Por volta dos meus 15 anos, ganhava nos meus aniversários um brinquedo muito interessante e instrutivo. Era o assim chamado “Mecano”, que consistia em diversas lâminas de metal, todas simetricamente furadas com furos que combinavam entre si, de modo que elas podiam ser fixadas

umas com as outras por meio de parafusos e porcas. Assim podia se construir carros, guindastes, pontes e uma infinidade de coisas. Também havia rodas e pneus para montar automóveis e um motorzinho elétrico para movimentar as coisas. Mas estou adiantando minha história.

Pois lá onde morávamos era pobreza mesmo. O teto era o próprio telhado da casa. Olhando por uma janelinha, de um lado se via a calha do telhado e não raras as vezes vi enormes ratazanas correrem pela calha. Durante o inverno era um frio de lascar porque o nosso pequeno aquecedor a carvão não conseguia competir com o vento gelado que entrava pelas frestas do telhado. Meu pai não trabalhava por causa da sua doença, como já disse, sofria muito com estas dores que ele tinha no estômago e estava sempre de mal humor. A sua única distração era um velho rádio, que o deixava ainda mais nervoso porque para sintonizar este aparelho tinha de se mexer com umas bobinas. Creio que foi um dos primeiros aparelhos de rádio que existiram.

A escola de Roterdã é a primeira da qual eu guardo algumas lembranças. Também do cais e do bairro do porto onde nós morávamos e eu brincava com meus colegas, tenho algumas lembranças bastante vivas, mas não muito agradáveis, como a do dia em que um colega me fez tropeçar e eu bati com a cabeça no chão e desmaiei. Não me lembro de nenhum amiguinho. Parece que não os tinha. Logo, porém, nos mudamos para La Haia e depois para Amsterdã, onde fomos morar num bairro judeu, o mais pobre da cidade. Este bairro não existe mais como eu o conheci, pois foi demolido pela prefeitura para fazer esquecer as matanças e deportações dos judeus durante a guerra. Desta época lembro-me vivamente da nossa pobreza, do sofrimento do meu pai (eu não sabia que ele tinha me adotado quando ele se casou com a minha mãe), da escola que eu freqüentava entre oito e dez anos e, acima de tudo, uma profunda nostalgia e tristeza, sem que me recordo a razão disso. Também me lembro do medo, o terror que eu sentia por caveiras e esqueletos que, no escuro, eu parecia ver em todo canto, mas também não sei a causa disso.

Para compreender a minha nostalgia precisa-se saber que este bairro era muito velho, de uns 300 a 400 anos, com casas e ruas típicas desta época. Eu conhecia e adorava os enfeites das fachadas de todas as casas, amava cada recanto e as velhas árvores que beiravam os famosos canais de Amsterdã. O silêncio era de séculos passados nas ruas estreitas mais escondidas. Sentia uma profunda tristeza

misturada com saudade ao ouvir o chamado do vendedor de castanhas fritas nas noites frias do inverno e nas noites que antecediam o Natal. E as lojas dos judeus, onde se vendiam estes doces típicos ou as outras que tinham todas as maravilhas de objetos usados, dos mais comuns até verdadeiras antiguidades. Havia mais outra coisa fascinante: duas feiras! Uma que funcionava diariamente, a conhecida “Waterloo Plein”. Uma parte desta feira era ocupada pelos revendedores de objetos usados que, durante a manhã, transitavam pela cidade apelando em voz alta às pessoas para vender suas roupas e móveis velhos e objetos usados e depois se dirigiam para esta feira para tentar vender esta bagunça. Às vezes, com sorte, se achava um quadro de pintura ou outra coisa realmente antiga e de grande beleza e valor pelo preço de uma ninharia. Assim, eu encontrei, certa vez, uma antiga espiriteira com chaleira toda de bronze e de cobre, chamada “samovar”, que na Rússia era muito usada. Em outra parte desta feira podia-se comprar tudo o que se encontra habitualmente nesses locais, mas o que fazia dela tão gostosa era a maneira como a gente podia pechinchar sobre o preço.

Sempre gostei muito de assistir a estas cenas, principalmente quando os participantes eram judeus. Tinha ainda o setor das vendedoras de peixes. Estas mulheres eram verdadeiras artistas ao chamar, cantando em voz alta a qualidade e tipo da sua mercadoria, atraindo assim a atenção da sua freguesia, as donas-de-casa.

A outra feira funcionava somente no domingo de manhã. Não havia os vendedores de bugigangas, mas havia outra atração, que realmente atraía pessoas de toda a cidade. Eram os vendedores de gilete ou qualquer outra mercadoria de pouco valor. Estes marreteiros eram artistas natos, que sempre atraíam multidões com seus monólogos durante os quais eles elogiavam ou criticavam políticos, artistas ou um policial que se encontrava por perto. Era realmente um espetáculo muito divertido.

Nesta cidade velha havia muitos lugares, coisas bonitas e curiosas. Lindas são as suas igrejas velhas com as suas torres com sinos e relógios, cada uma com a sua peculiaridade. Como por exemplo, o Munttoren (Torre da Casa da Moeda), onde se cunhavam as moedas de prata, em uso no mesmo tipo até hoje. Ou Westertoren (Torre de Leste), cuja curiosidade consiste no fato de que esta igreja e sua torre foram construídas sobre uma fundação de peles de vaca, sendo que normalmente naquela época se costumava usar estacas de pinheiros e que esta fundação, até hoje, está intacta.

E tem mais uma outra igreja, a mais velha, se não me engano, a Oude Kerk (Igreja Velha), com mais de 350 anos, cercada por casinhas típicas daquela época e que tem uma curiosidade que tornou este lugar famoso em toda Europa e até nos Estados Unidos e outros países. Lá, há mulheres nas vitrines! É a famosa zona de prostituição de Amsterdã, onde nestas casinhas as prostitutas se exibem, praticamente nuas, na frente de suas janelas, que hoje em dia são iluminadas com luz fluorescente vermelha. É uma atração turística que atrai milhares de pessoas para este lugar. Quando eu ainda era moleque entre oito e doze anos, costumava ir lá aos sábados com meus colegas para bagunçar. Nós nem sequer tínhamos noção para que e porque estas mulheres ficavam assim na frente das suas janelas, o porquê do sexo. Eu, pelo menos, não sabia nada ainda. Sim, eu adorava o velho centro da minha cidade, onde parecia que a gente voltava para a Idade Média e, nas beiradas dos velhos canais, as gaivotas faziam as suas acrobacias aéreas gritando melancolicamente.

Nós morávamos no último andar de uma casa velha de três andares. Havia uma sala na frente, um quarto escuro e uma cozinha. O banheiro com a privada estava num canto da cozinha, mas chuveiro não existia. Não sei, naturalmente, como meus pais faziam para tomar banho, mas aos sábados era me dado um banho numa grande bacia na cozinha. Meus pais dormiam no quarto e eu tinha um cubículo no sótão. Por causa do meu medo de escuro, meus pais me colocavam primeiro em sua cama para dormir, até a hora que eles iriam dormir. Aí eles me levavam para cima, para a minha cama.

Às vezes eles recebiam visita, uma amiga da minha mãe. Em geral eu não estava dormindo ainda e, com a curiosidade própria de uma criança, ficava escutando as conversas. E cada conversa que eu ouvia! Da combinação entre meu pai, marinheiro, a minha mãe e esta tia que me parecia uma prostituta aposentada, saía uma conversa bem apimentada que eu, com meus nove anos de idade, ainda não bem compreendia, mas mesmo assim às vezes me enchia com um profundo desprezo para com meus pais e, em particular, a minha mãe. Talvez foi por essa razão que uma noite eu estourei com ela. Foi assim: eu precisava muito ir ao banheiro e, naquela noite, eu estava usando um pijama de seda azul bem fininha e estava bem à mostra que, mesmo pequeno, eu era macho. Quando eu passava pela sala, onde se encontravam a minha mãe, a tia e meu pai, minha mãe gozava de mim, chamando a atenção dos demais para o meu estado. Senti-me tão envergonhado, tão cheio de raiva, que eu disse que achava que ela parecia uma puta, tal como esta tia! Não preciso dizer que uma tempestade desabou por cima da minha cabeça!

Os dias às vezes eram uns verdadeiros tormentos para mim, por causa da doença do meu pai. O homem sofria dores horríveis de estômago, tanto que ele batia a cabeça contra a parede. Por outro lado, parecia que eu o irritava muito, porque ao menor barulho meu, ele me dava uma bronca. Por isso eu preferia sempre ficar no meu quartinho lá em cima da escada, no meu sótão, brincando com o meu “Mecano” ou lendo meus livros prediletos. Sem dizer que eu sempre brincava sozinho, porque nunca me foi permitido levar um amiguinho para casa. Como eu já contei, éramos muito pobres e às vezes nem dinheiro para pagar a luz elétrica meu pai tinha. Por isso ele instalou um lustre à querosene, bem antigo e, por sinal, muito bonito. Roupa nova eu não conhecia. O que eu tinha eram roupas ganhas dos meus primos e reformadas pela minha mãe ou roupas compradas na C&A, bem baratinhas. Lembro-me de que uma vez eu fui para escola com botinas da minha avó, porque eu não tinha mais sapatos e não tínhamos dinheiro para comprar. Como eu me sentia envergonhado! O que me deixava sempre meio envergonhado era o banho semanal que a minha mãe, aos sábados, me dava na cozinha para não molhar tudo. Eu tinha vergonha de ficar nu na frente dela, mais ainda porque ela costumava ensaboar-me. Esse costume de banho continuou até meus 12 anos de idade.

Tudo melhorou um pouco quando, depois de um ano mais ou menos, nos mudamos para um bairro melhor. Mesmo assim, eu voltava para passear no bairro pobre que eu amava tanto. Felizmente também mudei de escola. Como foi dura a minha vida nesta outra escola! Era uma escola municipal mista, ou seja, havia crianças judias, católicas e protestantes e também alguns filhos de pais nacionais socialistas ou fascistas. Um rapaz, Ralphe, judeu, por pouco tempo foi o meu amigo e ele era sempre alvo da perseguição dos outros, principalmente dos nazistas. Sim senhor, isso em 1934, na Holanda! Eu, apesar da baixa estatura, tomava sempre partido por ele e lutava como um leão. Eu usava um cinto de escoteiro com uma fivela pesada, que se abria num piscar de olhos. Na menor provocação ou gritaria “judeu porco, judeu sujo”, lá começava o couro e a fivela a voar e sibilar. No entanto, o pior foi que depois de algum tempo meu amigo Ralphe foi proibido pelos seus pais de brincar comigo, porque eu era, para eles, um judeu bastardo e, engraçado, os outros me odiavam pela mesma razão. Terminei aos 11 anos o primário, fiz mais um ano suplementar, onde também tinha aula de inglês básico, tinha uns amigos passageiros e um grande amigo, a minha fiel bicicleta, com a qual eu fiz muitos passeios maravilhosos, porém sempre sozinho.

Aos 12 anos entrei na escola industrial, no curso de mecânico ajustador. Era o mais jovem e o menor da minha classe e, por azar meu, muito esperto e inteligente. Ou esqueceu que também era bastardo judeu? Meu Deus, como foram duros também estes anos. Não com os estudos, porque eu adorava estudar, principalmente geografia e as aulas sobre a África, Indonésia, Japão, China, Tibet e a Índia simplesmente me fascinavam. O problema era bem mais grave. Havia vários alunos de pais membros do Partido Nacionalista, os fascistas da Holanda e eu comecei a ser o alvo de seus gracejos e perseguições. Xingavam-me de “judeu sujo” e mais apelidos e me davam empurrões e socos nas costas. Apesar de ser magrinho e baixinho, eu não deixava as coisas baratas. Naturalmente, quando estes eram apenas dois ou três, isso ainda dava resultado, mas quando eram mais do que isso eu apanhava feio. Com o passar do tempo eu comecei a procurar fugir destas brigas e me esconder. Mas aos 12 anos eu me senti algo desprezível e tive um enorme complexo de inferioridade, o que pelo resto da minha vida me fez sofrer muito e transformou a minha personalidade. Transformei-me numa pessoa tímida, medrosa e desconfiada de tudo. Isso me impedia de fazer amizades ou fazer parte de grupos, por exemplo, participar de festas, reuniões ou clubes de esportes.

Também por causa da minha desconfiança eu andava sempre de cara amarrada, não queria conversa com as pessoas e, em poucas palavras, me isolava do meu ambiente. Foi assim que me tornei um adolescente e depois um adulto de difícil convivência, pelo que eu paguei caro o resto da minha vida. O pior dia foi quando houve uma exposição na escola dos trabalhos dos alunos. A minha mãe também veio para ver como foram os meus trabalhos. E tão logo ela foi embora começaram as gozações sobre sua aparência de judia. Chorei de raiva depois, pode se imaginar. Aí começou nova briga. E isso não era mais brincadeira de criança, não. Perseguiam-me, batiam-me, eram três, cinco ou mais de uma vez e o meu cinto não adiantava mais nada. Quebravam o pau comigo na frente da escola, me perseguiam quando eu voltava de bicicleta para casa, muitas vezes conseguindo me derrubar. Foi lá, naquela escola, que fui realmente quebrado psicologicamente. Senti, pelo resto da minha vida, que havia pessoas, judeus e eu, que eram incompreensivelmente desprezadas, odiadas e só. Naturalmente, a esta altura eu já tinha um caráter revoltado, rebelde e desconfiado, com um belo complexo de inferioridade e de judeu, em especial. Mas também tinha desenvolvido uma grande habilidade manual na minha profissão.

As oficinas onde eu trabalhava eram uma continuação da escola, somente em escala menor e menos violenta, porém com mais desprezo e isto também, às vezes, pelo lado do patrão. Quem disse que na Holanda não existia racismo e anti-semitismo, já bem antes da guerra? Com 14 anos de idade terminei a escola e fui arrumar um emprego. Comecei numa grande fábrica de bicicletas. Lá eu trabalhava no porão do prédio, o dia todo furando e fazendo pequenas peças, sempre as mesmas coisas. O porão era muito escuro, frio e muito sujo. O serviço era de uma monotonia maçante e, por isso, muito cansativo. Felizmente, depois de algum tempo fui promovido para trabalhar na montagem e, assim, aprendi tudo sobre bicicletas. Naquela época comecei a ter um problema com meu pé direito e sentia muita dor no dedão, agravada por eu trabalhar o dia todo em pé.

Afinal, procurei um médico que tirou uma radiografia do meu pé e constatou que eu tinha um crescimento excessivo na cartilagem do dedão que fez com que ele crescesse anormalmente e a única saída era uma operação. E, de fato, não havia outra opção porque o meu sapato, uma bota de trabalho de couro grosso e duro, me machucava terrivelmente, apesar das minhas tentativas de amolecê-lo com óleo de máquina. E, assim, voltei no dia seguinte para o consultório do médico, sozinho, para ser operado. O médico me deitou numa cama, me deu uma anestesia local e se preparou para começar a operação. Curioso como só eu, pedi a ele um travesseiro para poder sentar e assistir a operação. Depois disso ele fez o primeiro e único corte em forma de um V deitado, puxou depois a falange para fora e com um tipo de alicate cortou a cartilagem em excesso. Ele pôs o pedaço de pele de volta no lugar e costurou o corte e pronto. Depois disso ele engessou o pé e me perguntou como eu tinha vindo para o consultório. Quando respondi que foi de bicicleta, ele achou ótimo e disse que assim eu também podia voltar, tomando cuidado. E lá fui eu com o meu pezinho novinho em folha! Um ano depois foi a vez do meu pé esquerdo, com o mesmo resultado positivo. Tinha uma vantagem e uma desvantagem. A vantagem era que, daí em diante, eu calçaria um número de sapato menor do que antes e a desvantagem era que eu nunca mais poderia chutar uma bola e por muitos anos precisaria ter o cuidado de comprar sapatos com bico largo e olhar aonde eu pisava, ainda em tempo de chuva, quando o lugar da operação doía.

Depois de aproximadamente um ano e meio, saí da fábrica de bicicletas e arrumei um emprego numa oficina mecânica, cujo dono era um colega de meu pai. Era num pequeno galpão com um

corredor ao lado. E já que na oficina não tinha banheiro, os empregados costumavam fazer suas necessidades neste corredor. Um dia meu patrão me mandou fazer uma limpeza neste corredor. Recusei-me a fazer isso e o homem me mandou embora na hora. Achei isso um desaforo e resolvi ir para o sindicato dos metalúrgicos pedir os meus direitos. Pois é, que direito? Disseram-me que eu tinha de obedecer às ordens do meu patrão e não tinha nada a protestar ou direito a qualquer coisa. Bem, mandei o pessoal do sindicato para aquele lugar e jurei para mim mesmo que nunca mais na minha vida eu seria membro de um sindicato.

Logo depois eu consegui um outro emprego numa metalúrgica maior, bem mais longe da minha casa. Toda manhã eu saía de casa às seis horas, de bicicleta, para poder estar às sete horas no meu emprego. Isso no inverno com aquele frio de uns 5 °C até 10 °C negativos, não era brincadeira. E muitas vezes também caía uma neve ou chovia. À noite comecei a freqüentar a escola de engenharia naval que era numa outra parte da cidade. Se me lembro bem, estava lá estudando havia uns seis meses, quando em 5 de maio de 1940 a Alemanha invadiu a fronteira da Holanda e a guerra estourou. Começou a guerra e depois a ocupação pelos militares alemães. Começaram os anos de terror, medo e fome.